

# IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA DISCRIMINAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO EM UMA AMOSTRA DE PESSOAS TRANS BRASILEIRAS

Gabriel Mendes de Brum<sup>1</sup> <gabrielmendes.b@hotmail.com> e Silvia Helena Koller<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Introdução

O Brasil é um dos países com as maiores taxas de homicídio de pessoas trans no mundo e não há legislação nacional antidiscriminação que possa ser usada no contexto do mercado de trabalho.

Além disso, segundo a teoria do *Minority Stress* (Meyer, 2003), a discriminação sofrida por minorias cria um ambiente estressor que pode causar problemas relacionados à saúde mental.

Portanto, foi implementado o “Projeto de Pesquisa em Saúde Trans”, uma iniciativa voltada à elaboração de políticas públicas baseada em evidências, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com a Universidade de São Paulo (USP).

## Objetivo

Este trabalho pretende descrever as necessidades, as barreiras e a satisfação de pessoas trans no que se refere ao acesso à saúde, bem como as experiências de discriminação e seu impacto na saúde mental e na inserção no mercado de trabalho.

## Método

Pesquisa transversal com dados coletados no Rio Grande do Sul e em São Paulo, de julho de 2014 a março de 2015.

O survey é composto por 122 itens agrupados em 11 categorias, sendo que, para este estudo, o foco é o acesso ao trabalho e a discriminação.

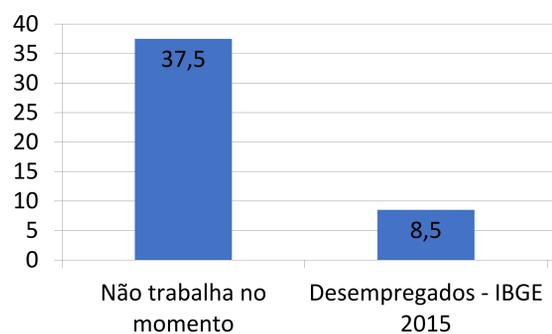
Foram consideradas pessoas elegíveis para participação aquelas que assinalaram possuir um gênero diferente do que foram designadas ao nascer, tendo 381 pessoas atendido ao critério de inclusão neste estudo.

A idade média dos participantes foi de 27 anos [IC 95% (26,34, 28,10 anos); DP 8,73 anos. Sobre a identidade de gênero, 67,71% (n=260) se declararam mulheres trans e 32,29% (n=124) homens trans. Pessoas com outras identidades de gênero não foram incluídas.

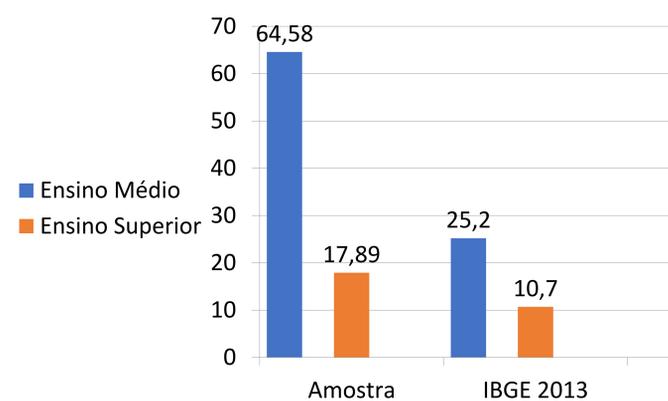
Dados em relação à situação no mercado de trabalho e à escolaridade foram comparados com as estatísticas da população brasileira em geral, oriundas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

## Resultados

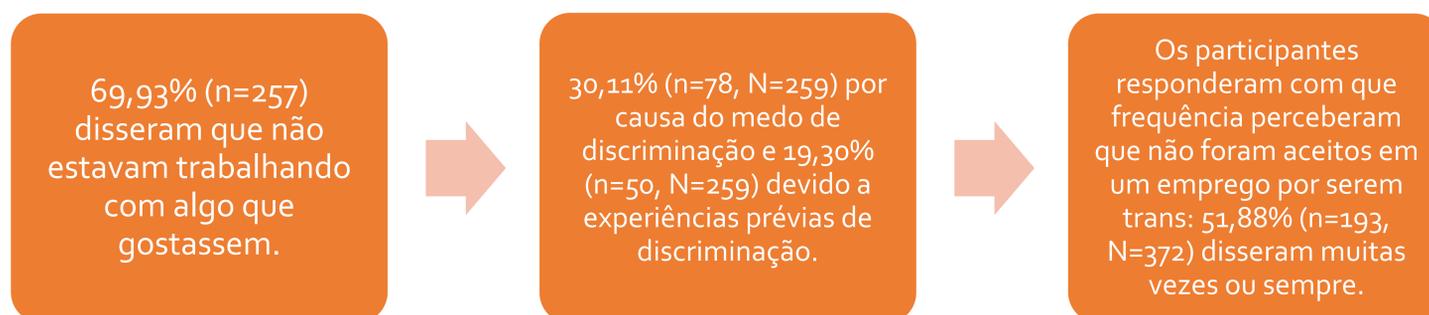
Situação de trabalho atual da amostra X índice do IBGE de desempregados no Brasil



Escolaridade



Apesar do maior nível de escolaridade da amostra, a maioria (14,06%, n=54) trabalhava em serviços e vendas (estética, cabelos, maquiagem, garçom/garçona, cozinha, cuidados pessoais, segurança) ou outras profissões (13,28%, n=51) (limpeza, auxiliar, auxiliar de cozinha, profissional do sexo, trabalhador/a da rua, camelô, lixeira/o, mineração).



### Passabilidade cis

- As mulheres trans que não estavam trabalhando no que gostam e que dizem que são percebidas enquanto trans sem precisar comunicar tal fato, relatam maior frequência de inaceitação no emprego pelo fato de serem trans  $t(228) = -4,07, p < .001$ .
- Essa associação não foi encontrada entre mulheres trans que não são identificadas enquanto trans e entre homens trans.

## Conclusão

A pesquisa aponta para a necessidade de políticas que garantam a não discriminação, inclusão e permanência de pessoas trans no mercado de trabalho, especialmente aquelas que desafiam as noções de gênero hegemônicas.

## Referências

- Meyer, I. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), pp.674-697.
- Adams, K.A., Nagoshi, C.T., Filip-Crawford, G., Terrell, H.K., & Nagoshi, J.L. (2016). Components of gender-nonconformity Prejudice. *International Journal of Transgenderism*, 17(3-4), 185-198.